

MULHERES ÁRABES E A PARTICIPAÇÃO ECONÔMICA NO PROCESSO MIGRATÓRIO ENTRE BRASIL E LÍBANO

*Samira Adel Osman**

RESUMO: O artigo trata da participação da mulher árabe no processo migratório entre o Brasil e o Líbano e suas formas de inserção no mundo do trabalho, realizando uma intersecção entre processo migratório, questões de gênero e grupos religiosos. Este estudo baseia-se na pesquisa realizada com mulheres libanesas e descendentes, de diferentes faixas etárias e gerações, nos dois principais grupos religiosos, muçulmanos e cristãos, que caracterizam a comunidade líbano-brasileira, por meio de entrevistas utilizando-se a metodologia de História Oral de vida familiar.

Palavras-chave: Imigração libanesa, Retorno, História oral, Islamismo

ARAB WOMEN AND ECONOMIC PARTICIPATION IN THE MIGRATION PROCESS BETWEEN BRAZIL AND LEBANON

ABSTRACT: The article deals about participation of Arab women in the migration process between Brazil and Lebanon and their ways of entering the world of work, performing an intersection of the migration process, gender and religious groups. This study is based on the research with Lebanese women and descendents of different ages and generations, and also Brazilian not-descendants, in two main religious groups, Muslims and Christians, which characterize the Lebanese-Brazilian community, through interviews using the methodology of Oral History of Life.

Keywords: Lebanese Immigration, Return, Oral History, Islam

* Doutora em História Social pela USP. Atualmente, é docente de História da Ásia na Escola de Filosofia, Ciências e Letras da UNIFESP e pesquisadora do NEHO-USP (Núcleo de Estudos em História Oral).

Introdução

Ao se tratar das migrações como objeto de estudo, independentemente da área de pesquisa, o que se evidencia é uma generalização de seus atores sociais, homens e mulheres desvinculados do movimento que engendraram, encobertos por números e dados genéricos, principalmente num viés econômico e centrado na história do trabalho. No entanto, mesmo ao tratar as migrações como um processo sobremaneira humano, evidenciam-se os papéis sociais de acordo com as perspectivas de gênero.

Historicamente, as migrações foram tratadas como processo masculino, uma vez que aos homens se atribuiu a responsabilidade e a decisão pelo ato migratório, visto, sobretudo, como migração de trabalho, conforme apontou Sayad (1998). Às mulheres (mães, esposas, filhas, irmãs), atribuiu-se o papel de acompanhantes dessa trajetória, cabendo-lhes unicamente a responsabilidade pela construção e manutenção de uma estrutura familiar em novas regiões e condições, pela preservação de valores culturais e pela negociação de identidades étnicas e nacionais. Dessa forma, o papel das mulheres no processo migratório tem sido tratado de duas maneiras possíveis: ou são negligenciadas ou vistas como meras acompanhantes. De uma forma ou de outra, isso significa conferir-lhe pouca ou nenhuma importância acerca desse fenômeno.

No caso da imigração árabe, o papel das mulheres tem sido quase que totalmente desconsiderado, limitando-se à ação de acompanhar pais, esposos, filhos, irmãos, e ocupar o espaço familiar e doméstico. Pouco ou nada tem sido tratado sobre o universo do trabalho dessas mulheres no processo migratório, seja na comunidade cristã, seja na muçulmana. Certamente, essas mulheres árabes de diferentes gerações exerceram papel fundamental no processo migratório, em toda sua complexidade, no que concerne à formação familiar, preservação das tradições culturais (língua, religião e costumes) construção de projetos familiares. Mas foram além, ao enfrentar desafios relacionados com o estudo e o trabalho. Essas mulheres imigrantes tiveram participação ativa e direta, ainda que não explícita, na manutenção econômica da família, apesar do papel fundamental de esposas e mães ser o mais focado.

O objetivo deste artigo é tratar da participação da mulher árabe no processo migratório entre o Brasil e o Líbano e suas formas de inserção

no mundo do trabalho, realizando uma intersecção entre processo migratório, questões de gênero e grupos religiosos. Este estudo baseia-se na pesquisa realizada com mulheres libanesas e descendentes, de diferentes faixas etárias e gerações, nos dois principais grupos religiosos, muçulmanos e cristãos, que caracterizam a comunidade líbano-brasileira, por meio de entrevistas, utilizando-se a metodologia de História Oral de vida familiar.

O trabalho na imigração para o Brasil e a participação feminina

Nas entrevistas realizadas com imigrantes árabes de origem libanesa em São Paulo, verifica-se, em relação à temática do trabalho, uma distinção clara entre dois espaços dicotômicos: a rua como espaço do trabalho e, portanto, domínio masculino, e a casa como espaço doméstico e, portanto, domínio feminino, independentemente do grupo religioso pesquisado, cristão ou muçulmano.

À primeira vista, numa leitura superficial dos argumentos, pode-se chegar a uma conclusão precipitada de que a divisão de espaços e funções sociais representa regras aceitas e incontestas, num grupo étnico migratório que tem sido caracterizado como patriarcal, senão machista. Nas entrelinhas do discurso, o que se verifica é que esses espaços não são tão rígidos quanto parecem à primeira vista e a participação da mulher nas atividades econômicas ocorreu em diferentes vieses e possibilidades.

Em uma dupla jornada, sem abrir mão das responsabilidades domésticas e familiares, as mulheres contribuíram ativamente para garantir o sustento familiar, trabalhando em atividades independentes, auxiliando seus maridos em seus negócios ou ainda complementando o orçamento doméstico.

É o que se verifica nos relatos das colaboradoras, uma cristã e outra muçulmana:

Eu sempre ajudei o meu marido no sustento da família, principalmente no negócio da torrefação de café... Eu saía de casa às seis da manhã e só voltava às cinco da tarde... Chegava à casa e fazia a janta; uma noite limpava a casa, em outra lavava a roupa...

Mais tarde, para ajudar no orçamento de casa, eu também passei a fazer peças em crochê, como roupinhas de bebê, toalhas, lenços de

cabeça...Passava a noite inteira fazendo e ia vender durante o dia numa banquinha que eu coloquei na avenida, perto de casa..."

Nazira Abumkana Khamis (1ª geração, cristã)

O meu marido já mascateava desde que veio para cá... Ele vendia roupa, corte de tecido, cobertor, artigos de cama, mesa e banho... Esse tipo de coisa. Tinha uma boa freguesia estabelecida no nosso bairro e nos bairros vizinhos...

Eu também logo comecei a me dedicar ao trabalho e pegar gosto pelos negócios... Uma vez, eu comprei um corte de tecido do meu irmão e fiz um vestido... Uma vizinha minha, chamada Deise, achou lindo e me disse se eu não podia trazer um para ela...

Quando na fábrica (que ela trabalhava) viram o vestido que ela fez com esse tecido, pronto! Todo mundo queria igual... Aí já viu, né... Falavam assim: "De onde você comprou esse tecido?" E quem tinha comprado, respondia: "Foi na Turca". Então foi assim: consegui uma freguesia boa e um apelido...

Sara Toufic Abou Jokh (1ª geração, muçulmana)

Essas mulheres ainda vão além do papel de coadjuvantes, pois, com esse apoio, são possíveis: a primeira ascensão econômica, de mascate a proprietários de lojas; a divisão do trabalho, pois enquanto o cônjuge mascateava, a esposa cuidava da loja; a segurança diante de empreitadas arriscadas; e mesmo uma capacidade empreendedora, ao se arriscar em novos negócios. Como se verifica no relato:

Quando deu para juntar certo dinheiro, nós abrimos uma loja de móveis...

Nesse salão, mantivemos a loja de móveis, mas como não estava indo muito bem, eu dei a ideia de também colocar para vender tecido e artigos de cama, mesa e banho para diversificar os negócios... Meu marido achou que ia ser muito difícil porque nós estávamos praticamente quebrados... Então, dividimos a loja em duas partes: móveis e tecidos...

Enquanto o meu marido mascateava, eu cuidava da loja... eu era tão boa negociante! Todos me elogiavam... (...) Mas não era moleza não, viu? Durante a semana, eu cuidava da loja e, aos domingos, eu saía para a rua com o meu marido, para fazer cobrança... Quando voltava, ainda tinha que ter disposição para abrir a loja e mudar a vitrine para o começo de uma nova semana... Era muito trabalho...

Até que nós estávamos indo bem... Aí o meu irmão Mohamad e esse amigo Mustapha vieram propor ao meu marido para que comprassem em sociedade uma padaria aí em Pirituba... No começo deu, mas não era trabalho para nós e acabamos vendendo... Mas sempre continuamos mantendo a nossa loja...

(...)

Quando meu marido viajou para o Líbano, eu aluguei o salão maior e transferei a nossa loja para um salão menor, ao lado... Mas agora só vendia roupas e tecidos... Uma loja menor dá impressão de que está sempre cheia, mesmo que você não tenha tanto estoque... Meu marido nem acreditava, mas logo viu que tinha sido uma boa decisão...

Sara Toufic Abou Jokh (1ª geração, muçulmana)

Secundarizada, camuflada, disfarçada, essa participação aparece como não essencial ou complementar, mesmo que na prática seja mais do que isso. Para que as mulheres assumam seu papel no universo masculino do trabalho, é preciso aprovação e legitimação, seja do cônjuge, dos conterrâneos e ainda de si própria. Mas é preciso ir mais além: que a figura masculina esteja ausente para que se assuma definitivamente o papel da mulher como responsável pelo sustento familiar, avocando não só o lugar como a mesma função, como se verifica neste relato:

Essa responsabilidade da criação dos filhos tem sido exclusivamente minha desde que o meu marido faleceu...

Para sustentá-los, fui fazer o que faria qualquer árabe na mesma situação: mascatear... Até hoje tenho estado nessa atividade de mascate, vendendo artigos de cama, mesa e banho, para uma freguesia de muitos anos, como forma de criar meus dois filhos que estão estudando. Não tenho como parar!

Samira Hanna Khamis (1ª geração, cristã)

À mulher, cabe a responsabilidade pela manutenção da família na ausência do marido, legitimada pela necessidade e possível pela reestruturação das responsabilidades domésticas às filhas. Coragem, determinação, esforço não faltam a essas mulheres quando se veem na função primordial de chefes de família. No entanto, é um período provisório, enquanto os filhos estudam ou crescem, para assumirem totalmente esse dever. Dois relatos corroboram esta análise:

Minha mãe e meus irmãos continuaram a trabalhar como mascates para sustentar a casa e eu ficava em casa, com todo serviço.

Minha mãe era uma mulher e tanto, viu? Sofreu muito, mas sempre deu a volta por cima para criar três filhos sozinha; deu um duro danado, mas conseguiu. No começo, os três trabalhavam a pé, mas depois que o meu irmão mais velho fez dezoito anos, eles compraram um fusquinha, e o serviço ficou mais fácil. À medida que meus irmãos foram crescendo, eles tomaram mais conta do trabalho, aos poucos conseguiram montar uma loja de móveis. Minha mãe foi deixando de trabalhar e foi ficando mais em casa.

Aishe Barakat (2ª geração, muçulmana)

Eu parei de estudar porque o meu pai ficou doente e a minha mãe tinha que trabalhar com o meu irmão mais velho, para sustentar a família. Como eu era a mais velha das meninas, tive que ficar no lugar da minha mãe, cuidando da casa.

Fátima Zeitoun (2ª geração, muçulmana)

Na segunda geração, as mulheres também tiveram que enfrentar as restrições familiares para adentrar o universo do trabalho. Na imigração, mesmo na consolidação da permanência no novo país e na incorporação de novos hábitos culturais, manteve-se a mesma estrutura patriarcal, na qual a autoridade masculina impunha-se sobre as mulheres e o trabalho feminino fora do lar era visto como vexatório. Podia significar a incapacidade do homem como provedor do lar e da família, ou ainda uma convivência inadequada entre homens e mulheres fora do ambiente doméstico, como se verifica no relato de duas descendentes:

Ele não admitia, em hipótese alguma, que a sua filha saísse de casa para trabalhar... Era considerada uma grande desonra para um chefe de família que as mulheres trabalhassem, ganhassem seu próprio dinheiro e adquirissem certa independência... A minha mãe justifica essa atitude até hoje dizendo que meu pai não concordava que homens e mulheres trabalhassem juntos, mas eu não sei se era só isso... Eu tinha primas que trabalhavam naquela época, que conseguiram superar essas barreiras que nos eram impostas, mas para mim isso foi impossível... O meu pai sempre foi um árabe tradicional: machista, autoritário, que tinha a família como um modelo patriarcal...

Nazha Aboumekana (2ª geração, cristã)

Para os meus pais e para todos os árabes que conviviam conosco, era um absurdo que uma mulher trabalhasse fora, tendo o pai ou o marido para sustentá-la...

Noah Osman Turk (2ª geração, muçulmana)

A participação das mulheres da segunda geração no trabalho fora do lar, deveria obedecer a algumas imposições familiares e da comunidade: auxiliando o marido em seus negócios; nas profissões liberais, sobretudo as consideradas adequadas às mulheres, como o magistério; ou em negócio próprio, onde não estivessem submetidas às relações de patrão e empregado.

Quando eu saí dessa escola, eu fiz um curso de estenografia e dactilografia, que me permitiram arrumar um emprego numa empresa chamada Cestas Amaral... Quarenta dias eu trabalhei, quarenta dias meu pai ficou sem falar com a minha mãe!!

Por outro lado, a minha mãe sempre obedecia a ele e eu também acabava obedecendo aos dois... Nem mesmo insisti para continuar trabalhando, pois sabia que seria um esforço inútil querer mudar essa mentalidade tão arraigada.

Nazha Aboumekana (2ª geração, cristã)

Meus pais nunca permitiram que eu trabalhasse, nem exercendo minha profissão de contadora... O único trabalho que a mulher podia exercer era ligado à atividade do marido, ajudando em seu negócio... A minha mãe sempre ajudou meu pai na loja e no trabalho de mascate e, mesmo eu e as minhas irmãs ajudamos nos negócios da família... Quer dizer, o trabalho para a mulher árabe era uma coisa muito restrita e limitada ao espaço familiar...

De certo modo, não se aceitava a ideia de se trabalhar para alguém como empregado ou como funcionário. Por esse motivo, sempre se valorizou o trabalho no próprio negócio ou nas chamadas profissões liberais onde (sic) a figura do patrão não exista, isso tanto para os homens como para as mulheres, atualmente.

Noah Osman Turk (2ª geração, muçulmana)

Em alguns casos, não há nem o reconhecimento de que o trabalho familiar é também trabalho de toda forma, como se verifica na afirmação:

Trabalhar fora também não pude, só ajudava meu pai na loja, e fiz isso até me casar.

Jamile Orra (2ª geração, muçulmana)

Quando as mulheres trabalham, com a concordância da família ou do marido, é porque exercem atividades consideradas adequadas e de acordo com as normas e papéis sociais atribuídos a elas. Determinadas profissões são permitidas, outras se limitam à formação educacional, mas não ao exercício profissional.

Uma colaboradora afirma:

Eu estudei a minha vida toda em escola pública, fiz o curso de magistério e, na faculdade, estudei Pedagogia. Os meus pais me permitiram estudar e trabalhar, mas apenas porque eu escolhi uma profissão onde (sic) o ambiente de trabalho é frequentado por mulheres e crianças. Com a minha irmã, ocorreu justamente o contrário, porque ela escolheu a área de computação e meu pai não permitiu que ela fosse adiante, com medo de ela se envolver com uma pessoa fora da comunidade árabe. Pelo caminho que eu escolhi eles me deram liberdade, foi só por isso.

Emni Ghazaoui (2ª geração, muçulmana)

Para outra colaboradora, é necessário conquistar espaços; percorrer trajetórias do permitido ao desejado; romper barreira e obstáculos. Lutas e desejos pessoais conjugados com determinados fatores levam à readequação dos valores e projetos familiares, como se pode observar:

A primeira coisa que eu conquistei foi o direito de trabalhar. Meu primeiro emprego foi na loja de roupas do meu pai, onde trabalhei por quatro anos. Depois que a loja fechou, trabalhei uns dois anos vendendo joias e, na época em que entrei na faculdade de Direito, comecei a trabalhar numa empresa de telemarketing, mas só fiquei aí por quatro meses. Daí, por dois anos, fiz estágio no Sindicato dos Empregados do Comércio e, depois que acabou meu contrato, trabalhei por um ano no Banco BVC, na Avenida Paulista.

Meus pais aceitaram que eu trabalhasse e estudasse, mas depois de muita luta, claro. Isso é uma luta muito grande para as pessoas da mesma origem que a minha, principalmente para as meninas. Meu pai começou a aceitar essa questão só depois que ele fez a primeira

cirurgia do coração e quase morreu. Nesse momento, ele viu que a vida não é colocar os filhos debaixo das asas, porque eles têm que conhecer o mundo lá fora e aprender a se virar. Então, ele incentivava muito a gente a estudar, a trabalhar, a ver a vida lá fora como é, a viver a vida e aprender sozinho...

Iman Houssein Abou Jokh (2ª geração, muçulmana)

Apesar disso, em determinadas ocasiões, são elas que reeditam os papéis de esposas e mães. Enquanto há as que trilham espaços e subvertem a ordem a elas impostas, há as que se acomodam ou retomam os papéis sociais tradicionalmente impostos às mulheres de origem árabe:

Acabada a euforia do retorno, do casamento e da vida nova, eu voltei a lecionar na mesma escola por um tempo, mas quando engravidei e tive minha filha, eu parei de trabalhar... Tem a questão salarial que pesou muito para eu desistir, mas tem outra questão que é o fato de você ser criada para exercer o papel de esposa e mãe...

O meu marido não me proibiu de trabalhar, ele até me incentivava, mas como o salário é baixo eu teria que trabalhar o dia todo e teria que deixar minha filha sozinha, coisa com que eu não concordo... Hoje eu já tenho duas filhas e voltar a trabalhar é mais difícil para mim...

Lamia Mustapha Rajab (2ª geração, muçulmana)

Elaborando e reelaborando projetos, construindo e desconstruindo trajetórias, rompendo papéis sociais, ao longo das gerações as mulheres da comunidade árabe muçulmana e cristã têm assumido seu papel na construção de uma história que ultrapassa papéis de gênero tradicionalmente construídos e impostos a elas. As novas gerações optam por profissões liberais e trabalham em negócios familiares, mas também vêm, pouco a pouco, adentrando os mais diferentes campos profissionais e de trabalho.

O trabalho no retorno para o Líbano e a participação feminina

No retorno ao Líbano, as mulheres de origem árabe, cristãs e muçulmanas, e as mulheres brasileiras não descendentes casadas com libaneses viram-se enfrentando as mesmas questões relacionadas com o trabalho no período da migração para o Brasil. Apesar de restrições, dificuldade e preconceitos, ocorreu a inserção econômica das mulheres

que realizam atividades profissionais para auxiliar ou assumir por conta própria a manutenção da vida doméstica. Para tanto, assumiu-se a diferença existente em relação ao papel social das mulheres nascidas no Líbano ou vindas do Brasil, dividido entre o lar e o trabalho, um excluindo o outro:

As mulheres que vieram do Brasil, brasileiras ou filhas de árabes, têm uma cabeça mais aberta para ajudar no sustento da família, trabalham, cuidam da casa, dos filhos, dão conta de tudo.

Acho que essa é uma grande diferença que existe com quem é nascido aqui e nunca foi para fora. Quem nasceu aqui o máximo que faz é ser professora ou outra profissão do tipo, mas isso não quer dizer também que trabalhe, solteira ou casada. As mulheres não se sujeitam a trabalhar para alguém, e se forem casadas, acho que isso é ainda pior.

Alia Chahine (2ª geração, muçulmana)

A experiência de trabalho e a formação profissional foram facilitadoras desse processo de inserção econômica, seja pela experiência anterior seja pela carência profissional no país, destacando-se a profissão de enfermeira (“eu trabalhava aqui como enfermeira, dava injeção, fazia curativos, porque tinha muita experiência e aqui faltavam profissionais dessa área”, **Alvira, brasileira**) e a de costureira.

A atividade ligada à costura foi apontada como uma preparação prévia antes da vinda ao Líbano (“eu também fui esperta, porque me preparei antes de vir para cá, aprendi a costurar e comprei uma máquina”, **Widad, 2ª geração, muçulmana**). Também era a atividade profissional exercida no Brasil antes até do casamento (“continuei sendo costureira” **M. Luíza, brasileira**; “trabalhei em fábrica de costura”, **M. Neuza, brasileira**), e, ainda, a percepção dessa oportunidade de trabalho possibilitada pelo próprio meio. Mãe e filha assim se expressam:

Aqui (no Líbano) também começaram a pedir para eu fazer uma coisa e outra, quando vi já tinha uma freguesia e sempre tem uma encomenda para atender. Aí também é bom, porque as mulheres vêm aqui e conversam, aprendi umas palavrinhas, e tenho mais amizades agora do que antes de costurar...

Se eu não costurasse também, acho que ficaria doida, eu sento naquela máquina e distraio minha cabeça, meu pensamento vai longe, longe... Ocupo o meu tempo com a costura, apesar de que aqui não falta serviço, não paro o dia inteiro, eu fico andando nessa casa, tenho galinha e coelho no quintal, ajudo a cuidar das crianças, não dá para parar, tem sempre alguma coisa para fazer.

Helena Chahine (brasileira não descendente, cristã)

Fora isso, para manter a casa, minha mãe e eu costuramos. A minha mãe aprendeu a costurar com a mãe dela, e quando ela era solteira chegou a trabalhar em uma fábrica de calças, mas parou quando se casou com meu pai. Quando vim para cá (para o Líbano), percebi que era difícil encontrar alguém para fazer pequenos consertos, trocar um zíper, fazer uma barra, e a minha mãe começou a atender esses pedidos. Aos poucos eu também fui aprendendo, e comecei a modelar e cortar as roupas, enquanto a minha mãe ficava com a costura. Eu gostei da profissão, tenho uma boa freguesia. A maioria das mulheres daqui de Sultan e Loussi costura comigo, e estamos indo bem, vamos levando a vida...

Alia Chahine (2ª geração, muçulmana)

Em outras situações, o trabalho veio da criatividade, da informalidade na busca por opções e alternativas a fim de suprir as questões econômicas, concretizando-se quase “por acaso”. Surgiram aí outras atividades, muitas vezes uma ligada à outra, como:

a) *manicura*:

Em outra ocasião, num casamento, também não consegui uma manicura para arrumar a minha unha e acabei eu mesma dando um jeito e ficou muito melhor que as unhas da minha cunhada que fez o serviço no cabeleireiro e veio com os dedos, e não as unhas, vermelhões! Essa mesma cunhada chegou um dia reclamando que ela não aguentava mais de dor nas unhas dos pés, e não tinha quem fizesse isso para ela. Eu acabei me oferecendo, assim por acaso, para aliviar a dor dela, e ela gostou tanto que deixou todo material, que ela tinha trazido do Brasil: alicate, espátula, lixas, esmalte, tudo, tudo e, cada vez que alguém vinha para cá, ela mandava mais coisas.

Mas quem deu o pontapé para eu começar a trabalhar de verdade foram a Telma e a mãe dela. Eu arrumei as unhas delas por amizade, como um favor pessoal, mas elas começaram a insistir que eu deveria

investir nisso, para eu ganhar um dinheirinho. Então aonde a Telma ia, ela dizia para as amigas que eu era uma excelente manicura, e as freguesas começaram a vir, uma a uma. No começo, eu nem sabia quanto cobrar, e foi uma amiga que me deu o valor a partir do serviço que era feito em Zahlé.

No começo, a ideia não pegou muito bem, porque aqui não é hábito cuidar das unhas toda semana como no Brasil. Depois a moda pegou e eu tenho freguesas daqui e de outras vilas, que vêm de longe só para arrumar as unhas comigo. Fui pegando cada vez mais prática e o trabalho foi ficando cada vez melhor. Principalmente no verão o trabalho é maior, porque tem muita festa, muito casamento, gente que vem de fora, então eu sento de manhã e só saio da minha cadeira lá pelas dez, onze horas da noite. Aqui não tem concorrência, é uma briga para fazer unha comigo!

Eni Aparecida de Souza (brasileira não descendente)

b) venda de doces e salgadinhos brasileiros:

Como se não bastasse essa história de fazer unha, na época em que nasceu a Aline, eu comecei a fazer sonhos para vender. Eu percebi que quando eu fazia sonho e oferecia para as pessoas todo mundo devorava, não sobrava um. Então tive a ideia de colocar para vender numa mercearia aqui perto, mas o dono achava que não iria sair porque o valor seria alto para o que as pessoas estavam acostumadas. Eu levei uma bandeja para ver se dava certo, e não deu meia hora, lá veio o dono com a bandeja vazia para eu enchê-la de novo. Foi um sucesso total!

A partir daí coloquei meus doces, brigadeiro, beijinhos e sonho, e também inventei moda de fazer salgadinhos como coxinha, risoles e empadinha. Eu nem tinha placa ou fazia propaganda, porque um foi espalhando para o outro e eu fiz minha freguesia. No começo só eu fazia, mas depois mais gente começou a fazer também. Hoje ainda faço e vendo porque tenho muitos fregueses fiéis, mas não é igual àquele começo.

Agora eu penso em inovar mais um pouco. Quero aprender a fazer chocolate, ovo de páscoa, panetone, outras novidades. Outro dia, vi a receita de um pãozinho de batata que o Álvaro deu no “Programa da Claudete Troiano”... Menina, isso dá para vender porque pode congelar a massa ou vender já pronto... Eu tenho muita vontade de fazer bala de coco gelada, recheada com morango, com nozes, com chocolate, como as que me trouxeram do Brasil um dia desses. Nossa,

é divina! Tenho a impressão que vai ser a inovação, se eu colocar em um casamento, o negócio estoura!

Ah, eu sou assim mesmo... Quando tem um negócio que não se resolve de um lado eu resolvo do outro, estou sempre buscando coisas novas para fazer e eu acho que sempre dá certo porque quando vou para a cozinha é com amor e carinho tudo o que faço, acho que é por isso que as coisas saem gostosas.

Eni Aparecida de Souza (brasileira não descendente)

c. loja de roupas brasileiras e também venda de doces e salgadinhos brasileiros:

Então nós tivemos a ideia de abrir uma lojinha de roupas brasileiras, porque é uma coisa que tem muita procura, e vem gente de longe atrás das minhas mercadorias. Foi um bom negócio e uma benção porque distrai e nos dá certa independência. Mas esse negócio só é bom no verão, porque as roupas de inverno do Brasil não servem para o frio que faz aqui.

Mas eu não dependo só disso. Uma vez, a professora das minhas netas foi fazer uma visita e eu tinha feito uns salgadinhos para servir. Ela achou tudo uma delícia e me perguntou de onde eram. Tive um estalo e falei: 'Faço para vender'. Aí começou a fama e o negócio, comecei a fazer de tudo por encomenda: coxinha, empadinha, bolinho de queijo, pastel, cocada, pé-de-moleque, salgados e doces em geral... Nossa, aqui eles ficam doidos com essas coisas, eu nunca conseguia manter o freezer cheio, de tanta encomenda que tinha. Uma vez, uma senhora, esposa de um político da região, pediu para que eu fizesse quantas coxinhas eu conseguisse, de uma terça-feira, quando ela me ligou, até o domingo, quando ela iria buscar. Fiz duas mil e quatrocentas coxinhas e ganhei oitocentos dólares nessa brincadeira!

Valda Legut (brasileira não descendente)

d) venda de produtos, geralmente de origem brasileira:

Embora a gente sempre possa contar com essa ajuda dos meus sogros, quando voltei para cá, já vim com outra cabeça. Eu vim com a ideia de não depender tanto deles, de buscar um meio de colaborar com a manutenção da casa, por isso trouxe na minha bagagem produtos que eu já sabia que as pessoas teriam interesse em adquirir aqui: chinelos havaianas, bijuterias, lingerie. E deu certo!

Acho que eu sou boa negociante, porque sei calcular os preços, sei oferecer e valorizar as minhas mercadorias, e ainda por cima sou bem falante, faço amizades logo, o que é muito bom para quem quer ser comerciante. Também preciso diversificar os produtos, e quero ter o apoio dos meus sogros para isso.

Sana Ali Moussa El Kaderi (3ª geração, muçulmana)

e) açougue no padrão brasileiro:

Nós inovamos o sistema de açougue daqui, que não é como no Brasil. Aqui, o boi vai sendo cortado conforme o freguês pede e não como em partes como no Brasil: coxão-mole, acém, picanha, alcatra... Nós trabalhamos no sistema brasileiro e aprendemos sozinhos, consultando os livros, matando o boi, cortando e aprendendo.

No início, a gente atendia mais aos brasileiros, que sempre estranharam a carne daqui, mas agora até quem nunca foi para lá prefere o nosso tipo de corte. Com esse nosso sistema, as pessoas aprendem até a cozinhar outras coisas, como estrogonofe, bife, compram pedaços para fazer sanduíche, peça para churrasco... Além de vender a carne, a gente também dá a receita de como fazer ou sugere outra coisa quando não tem a parte que a pessoa quer... A Vanda gosta de assistir aqueles programas do Brasil como “Mais Você” e “Note e Anote” para dar novas sugestões e ver qual é o melhor tipo de carne para cada receita. O cliente nem precisar vir até a loja, ele pode pedir tudo por encomenda que nós entregamos...

Nasser Alouan (2ª geração, muçulmano)

A participação feminina nos negócios do marido também significa uma melhoria da imagem e garantia de sucesso, sendo mais qualificada e mais dedicada ao trabalho, e referência para os demais, como se verifica:

Quando eu trabalhava sozinho, não tinha tanta freguesia como eu tenho agora com a Vanda trabalhando comigo... Ela trabalha praticamente mais do que eu. Quando eu estou sentado lá fora e chega algum freguês, ela mesma vai atender, mata e corta um boi como ninguém. Os fregueses gostam muito de ser atendidos por ela, porque ela é mais calma, mais paciente e dá mais atenção para o freguês... Eu já sou mais esquentado, mas estou aprendendo com ela, cada dia aprendo um pouco... Tem gente até que só conhece o açougue como sendo da Vanda, não sei se felizmente ou infelizmente, mas é o açougue da Vanda...

Nasser Alouan (2ª geração, muçulmano)

Tanto a experiência e o preparo profissional anteriores, como o inusitado, o acaso, a tentativa e o acerto na escolha dessa forma de inserção econômica foram avaliados como decorrentes da necessidade de “fazer alguma coisa útil”, de “ocupar o tempo”, de “não aguentar ficar parada”, de “estar acostumada a trabalhar”, de “ser independente”, de “ter o próprio dinheiro”, de “não querer depender do marido”:

No começo eu costurava e parava, agora já faz uns seis anos que costuro direto, porque não aguento ficar sem fazer nada... Eu fiquei muito tempo sem trabalhar aqui, mas nunca me acostumei a chegar toda hora no meu marido e pedir dinheiro. Você pede, mas não é para tudo o que precisa. Sabe o que é você trabalhar, pegar o seu dinheiro e fazer o que você quiser com ele? Disso sentia muita falta.

Maria Neuza Farias (brasileira não descendente)

O papel social dos maridos é fundamental para compreender a inserção profissional dessas mulheres, seja em relação à aceitação, à recusa ou à falta de opinião pela própria ausência do cônjuge (separação ou viuvez). Essa aceitação nem sempre foi mostrada explicitamente, mas ficou evidenciada em expressões como naquelas em que se colocou o trabalho feminino como ajuda ou complemento do “orçamento doméstico”, das “despesas da casa”, do “sustento da família”. Em outras afirmações, diz-se que a aceitação esteve atrelada ao cumprimento de todas as outras tarefas domésticas, vista tanto como exigência do marido, como também uma qualidade das “mulheres que vieram do Brasil (que) dão conta de tudo”:

Meu marido não fala nada sobre essas minhas atividades. Não é que ele aceitou, mas também não me proibiu. Eu acho que o homem árabe em geral não aceita que a mulher trabalhe, mas meu marido não tem do que reclamar porque eu estou cuidando da minha casa, dos meus filhos. Não está faltando nada, nem roupa lavada e passada, nem comida, nem nada. Além do mais, trabalho dentro de casa, acho que ele não aceitaria se eu fosse trabalhar fora. Até já tive proposta para trabalhar em salão grande, e eu não aceitei para não contrariar meu marido. No final das contas, com meu trabalho e todos esses bicos, ajudo a manter a casa e até segurei bem as pontas quando meu marido fechou a oficina e a situação ficou difícil.

Eni Aparecida de Souza (brasileira não descendente)

O meu marido também aceita que eu trabalhe. Eu sou revendedora da Avon e da Criatur, que vêm da França, e da Tuperware, que vem da Tunísia... Eu vou vendendo na casa das pessoas, principalmente para as minhas conhecidas e para as minhas amigas brasileiras. Com isso, eu também ajudo meu marido a manter nossa casa e dá para levar uma vida boa. Eu não sou rica, daquelas ricas mesmo, que têm casarão, carrão. Eu tenho a minha casinha, eu e meu marido temos cada um o seu carro, dou boa escola para as minhas filhas e é isso que vale, é só isso que eu quero da vida.

Maria Abdo Kadri (2ª geração, muçulmana)

As mulheres assumem para si todas as tarefas domésticas, sem contar com o auxílio dos maridos, e ainda realizam atividades remuneradas que contribuem para o orçamento doméstico, de forma parcial ou total, sem dimensionar essa importância, de forma que esse trabalho foi sempre referenciado como “ajuda”, “complemento” ou “apoio”. Avaliar a própria participação econômica como complemento, mesmo que não seja de fato, pode ser compreendida como uma forma de evitar o que de Sylvia Dantas De Biaggi (2003, p. 177) considera como o rebaixamento do *status* do homem no contexto familiar, de seu papel dominante na qualidade de provedor dos recursos econômicos e materiais.

Da mesma forma, outras mulheres sentiram-se impedidas ou constrangidas em exercer uma atividade econômica, seja pela oposição clara do marido (“aqui meu marido nunca me deixou fazer nada”, **Marlene, brasileira**) seja pela questão da mentalidade das pessoas (“não posso trabalhar porque já pensam coisas erradas sobre você”, **M. da Penha, brasileira**), ou ainda por se assumir um papel social já constituído (“eu fico em casa e estou bem, cuidando dos filhos e da casa. Esse é o papel da mulher aqui”, **Melissa, 3ª geração, cristã**).

Para uma jovem, o exercício de atividade profissional no Líbano pelas mulheres que retornaram ao Brasil significa o fracasso de todo projeto migratório, sofrendo então duplo preconceito:

Outra coisa que eles (os libaneses) implicam é se uma moça brasileira trabalha no Líbano. Hoje, as moças nascidas no Líbano já trabalham, têm uma ocupação, mas se é uma brasileira, eles acham absurdo que o pai dela tenha vivido a vida inteira fora, foi imigrante e voltou sem

capital, a ponto de a filha precisar trabalhar. Eles acham que a vida no Brasil é um paraíso...

Monira Mohamad Abou Jokh (3ª geração, muçulmana)

Muitas vezes, tais mulheres também tiveram uma vida economicamente ativa no Brasil e se depararam com outra realidade social no Líbano, difícil de ser aceita e causadora de sentimentos de frustração e falta de perspectivas. Sem a participação econômica da mulher, a família tem enfrentado dificuldades e privações:

Foi uma situação muito complicada para me acostumar, porque sempre fui independente, sempre tive meu dinheiro e aqui não tem dinheiro nem para o médico, para o dentista ou para a vacinação das crianças...

(...)

Aqui, o meu marido nunca me deixou fazer nada, não me deixou trabalhar para ajudar em casa. Ele é quem paga tudo: as roupas das crianças, as despesas da casa, tudo, tudo, eu não preciso me preocupar com nada. Eu sempre achei difícil me acostumar a essa situação porque sempre tive meu próprio dinheiro, minha independência, sempre me preocupei em ter economia, manter uma reserva. O dinheiro é muito importante, mexe com as pessoas. Se você tem, todos passam a gostar de você. Se não tem, todos te desprezam. Isso é duro de aceitar e conviver.

Marlene Vieira (brasileira não descendente)

Eu antes sempre trabalhei, e, desde que eu me casei, sou apenas uma dona de casa, vivo aqui dentro, quase não saio, não vejo as pessoas. No Brasil, é diferente, você não consegue viver assim, te dá a louca e você sai, não quer nem saber. Aqui, os homens são difíceis também, eles não aceitam que a mulher trabalhe. Mesmo o meu marido, que é nascido no Brasil, tem essa cabeça. Outro dia, eu falei para ele arranjar um emprego para mim na escola e ele ficou todo bravo, porque o povo já iria dizer que ele não quer trabalhar, que não dá conta de sustentar a família.

Michele Alves Cardoso (brasileira não descendente)

O papel social da mulher é demarcado e limitado ao ambiente familiar e doméstico, independentemente de ter nascido no Brasil ou no Líbano, de ter emigrado ou nunca ter saído do país, de ser cristã ou

muçulmana, ainda que se agreguem a essa não aceitação do exercício do trabalho outras justificativas (preparo profissional e a questão da língua):

Eu não trabalho, primeiro porque meu marido não gosta que eu trabalhe para os outros, segundo porque não tenho uma profissão, nem sei falar inglês ou francês, então é mais difícil conseguir um emprego. Aí eu fico em casa e estou bem, cuidando dos filhos e da casa. Esse é o papel da mulher aqui.

Melissa Jamil Haddad Yachouh (3ª geração, cristã)

Dessa forma, verifica-se que, no retorno, essas mulheres árabes veem-se enfrentando os mesmos dilemas e dificuldades da imigração, no tocante aos temas relacionados com o mundo do trabalho e o mundo doméstico, a participação ativa, ainda que secundarizada na manutenção da família por meio de diferentes atividades econômicas.

Considerações finais

A partir desses relatos, nos quais a questão do trabalho aparece de forma não tão evidente, é possível desvendar a atuação da mulher no processo migratório, transcendendo o papel histórico e socialmente destinado a ela. Além do espaço doméstico, elas ocupam o espaço do trabalho, opinam, decidem, influenciam, traçam projetos, reelaboram trajetórias, reorganizam o papel da família, de uma forma sutil e eficiente, sem que afrontem o espaço masculino.

Dessa forma, compreender a atuação da mulher no processo migratório entre o Líbano e o Brasil certamente contribuirá para a superação de preconceitos no tocante aos estereótipos de submissão e pouca (ou nenhuma) participação na organização familiar desse grupo e permitirá ainda mostrar outra face dessa complexa relação, cuja presença feminina tem ido além do espaço doméstico, com uma atuação bastante contundente na preservação dos valores tradicionais e na adequação aos novos valores, adquiridos durante o processo migratório. A participação no trabalho é uma das possibilidades de abordagem que visa superar a visão estereotipada em relação ao grupo das mulheres árabes na imigração, cuja análise foi a proposta deste artigo.

Referências Bibliográficas

DE BIAGGI, Sylvia Dantas. “Famílias brasileiras em um novo contexto cultural”. In: MARTES, Ana Cristina Braga e FLEISCHER, Soraya. **Fronteiras Cruzadas: etnicidade, gênero e redes sociais**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

FERREIRA, Franciroy Campos B. (org). **Olhares femininos sobre o Islã**. São Paulo: Hucitec, 2010.

HALL, Stuart. **Identidade Cultural na Pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2005.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. São Paulo: Loyola, 2005.

OSMAN, Samira Adel; SALGADO, Suzana Lopes Ribeiro; SANTHIAGO, Ricardo; et alli. **Narrativas e experiências: histórias orais de mulheres brasileiras**. São Paulo: D’Escrever, v. 1, 2009.

SAYAD, Abdelmalek. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: EDUSP, 1998.

THOMSON, Alistair. “Histórias (co) movedoras: história oral e estudos de migração”. In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 22, nº 44, 2002.